

O TEATRO DE COSTUMES DE OSCAR WILDE: BUNBURIES, DANDIES E PURITANOS

Mirian Ruffini

Introdução

Este estudo aborda as peças críticas de Oscar Wilde. As suas comédias de cunho social são aquelas em que o escritor expressa sua opinião sobre os costumes e papéis sociais da Inglaterra do final do século XIX.

Wilde recria esse mundo da “Sociedade”, circunscrito por convenções, monitorado por viúvas ricas, avaliado por meio de rituais como a cerimônia do chá inglês e rodadas intermináveis de bailes e jantares. Com esse cenário, subjazem segurança e conforto, mas ao mesmo tempo, o terrível vazio das rotinas. Sua reprodução da perspicácia, do diálogo polido e equilibrado e o ritmo das falas sugerem certo distanciamento e chacota. Os hábitos e rituais sociais foram ajustados e sutilmente exagerados, até o ponto de se tornarem transparentes e expostos ao exame da ironia. Gagnier (2010) diz que a sociedade inglesa superestimava os valores familiares, nacionais bem como o intercâmbio de valores, enquanto Wilde tomava parte na crítica e na perspectiva pós-moderna.

Metodologia

A análise das peças é realizada com o auxílio do arcabouço teórico da fortuna crítica de Oscar Wilde, a seguir. As três comédias de sociedade de Wilde analisadas foram montadas por diferentes produtores: *O Leque de Lady Windermere* por George Alexander no St James’s Theatre (20 de fevereiro de 1892), *A Importância de Ser Prudente*, por George Alexander (14 de fevereiro de 1895), *Uma Mulher Sem Importância*, por Herbert Beerbohm Tree (19 de abril de 1893) e *Um Marido Ideal* (3 de janeiro de 1895) por Lewis Waller, ambas no Theatre Royal, Haymarket. Aceitando o convite de Alexander em 1891 para sua primeira peça, ele se propunha a escrever um esquete “sem nenhum interesse real” (RABY, 2010, p. 143). No caso de *O Leque de Lady Windermere*, várias versões foram produzidas antes e após sua estreia. (RABY, 2010)

Discussões

Raby (2010) diz que o casamento, na Inglaterra Vitoriana, era visto como uma transação econômica por meio da qual a esposa adquiria segurança e a riqueza para manter uma posição social de destaque; em troca disso, a infidelidade do marido é tolerada, ou pelo menos, ignorada. Depois da notícia bombástica, Wilde muda o tom para a seriedade. *O Leque de Lady Windermere* ganha um monólogo artificial que destoa com sua ação de abrir o livro de registro do marido e descobrir a verdade. No final da noite, ela passa da inocência à experiência, à medida que o leque passa de mão em mão, em uma brilhante comédia de máscaras sociais.

A justaposição entre o cômico e o sério é uma das melhores técnicas dramáticas de Wilde. Assim que o absurdo e o falso ficam claros, as emoções e os ideais sérios explorados recebem um contexto menos solene. O trabalho de Wilde com a narrativa eleva a arte do segredo, ou melhor, da pura mentira. No caso dessa peça, segredos são compartilhados por Lord Windermere e a Sra. Erlynne sobre o parentesco desta com Lady Windermere; da mesma forma, o sigilo é mantido por Lady Windermere e a Sra. Erlynne sobre o verdadeiro paradeiro do leque e da intenção de Lady Windermere de deixar seu marido para fugir com Lord Darlington.

O final convencional, em que esposa retorna ao marido e a Sra Erlynne encontra um marido é adequado, pois reflete a chegada de Lady Windermere à maturidade e, conseqüentemente, à sua exposição a uma nova moralidade, a falsa moral Vitoriana. Ao mesmo tempo é irônico, visto que a plateia compartilha o humor da situação com a Sra. Erlynne, chamada ao final da história de “uma boa mulher”. (RABY, 2010)

Após o sucesso de *O Leque de Lady Windermere*, Wilde escreve a peça *Uma mulher sem importância*, durante uma temporada com a família em Norfolk, cidade litorânea (SCHIFFER, 2010). O enredo, segundo Raby (2010), apresenta um pai, Lorde Illingworth, que seduziu e abandonou uma jovem, e agora tenta reconquistar o Gerald, seu filho bastardo dessa relação. O órfão é um elemento recorrente nas peças de Wilde e esta peça traz dois deles, Gerald Arbuthnot e a bela puritana americana, Hester Worsley. Rachel Arbuthnot, a mulher “sem importância” de Wilde, é ao mesmo tempo uma senhora com um passado forte, uma vítima inocente e o esteio da bondade e da moral dentro da peça; também é bela, que se vê quando aparece na mansão dos Pontefracts após o jantar, com seu vestido de veludo preto, cuja silhueta e decote passam uma imagem ambivalente e perturbadora. Os nomes Rachel e Hester significam sofrimento, sendo que a segunda foi inspirada em *A Letra Escarlate*, de Hawthorne, escrito sobre os puritanos da nova Inglaterra. Julia Neilson, atriz no papel de Hester, vestiu branco e o tecido de suas roupas brilhava e tremulava a todo movimento.

Wilde introduz muitos sistemas de valores nos primeiros dois atos da peça, e convida a plateia a colocar Lorde Illingworth e a Sra. Allonby no seu ápice. São dois dândis que dominam por meio de sua inteligência e segurança, e se igualam em sua manipulação das palavras, definindo o que é moderno. Ainda assim, Raby (2010) defende que esses personagens insinuam decadência: deixam o jardim e preferem a artificialidade do interior da casa. A Sra. Allonby instiga Lord Illingworth a beijar a Puritana Hester, destruindo a falsa aparência de civilidade da casa.

Wilde, segundo Raby (2010) trabalhava dentro das convenções teatrais de seu tempo e com o mundo que ele conhecia; sua visão era de uma farsa fantástica, salientando aspectos da vida pública inglesa, que habitava até mesmo os limites do teatro. Wilde revela a evasão acentuada da conversa dos ingleses, as tentativas de produzir definições e afirmações a respeito de ideais dentro de um mundo que já não é estático e sólido. A moralidade pública e privada é questionada em suas peças, levando-nos à conclusão de que a moral Vitoriana era escassa e falsa.

O aspecto das classes sociais recebe grande destaque. Nessas peças ninguém trabalha, exceto os serviçais. Gerald deseja escapar dos horrores de um banco em uma cidade provinciana. É um mundo que afirma viver exclusivamente dos ganhos de uma herança embora, na realidade, deseja-se casar os herdeiros com as fortunas do comércio. Raby (2010) afirma que a interpretação dessas peças como exposições irônicas da sociedade inglesa compõe apenas parte dos seus significados. Wilde apreciava os prazeres disponíveis às classes abastadas inglesas. Contudo, ele analisava a classe alta e a burguesa com o distanciamento de sua imaginação e de seu pensamento Celta, visto que sua posição de semi-estrangeiro aguçou a sua crítica. Além disso, ele criou uma forma bem particular de comédia na qual ele exibia sua imitação desdenhosa da Inglaterra; uma fórmula que satisfazia o seu público e que sugeria que tudo ia bem dentro da sociedade. Havia ainda a distinção das classes a partir da religião e da política. (BROWN, 1995)

Em *A Importância de Ser Prudente*, Wilde quase revelou o seu método. Primeiramente tornou as personagens “reais”, e então conduziu o seu público por um espelho que parecia refletir a vida moderna, mas que era uma improvisação surreal de si mesma. Wilde afirmou que transformou o gênero teatral na forma mais objetiva de arte,

um modo de expressão tão pessoal como a letra de uma música ou um soneto. Niederhoff (2011) diz que a peça contém inúmeros exemplos de paradoxos, o recurso estilístico mais característico de Wilde. A presença acentuada de paródias e paradoxos na peça não é mera coincidência, pois são ligados por muitas semelhanças importantes.

Esta peça, considerada sua obra-prima, foi primeiramente produzida por George Alexander no St James's Theatre em 14 de fevereiro de 1895. As frases paradoxais e epigramáticas eram direcionadas à publicidade eficiente. O mundo vigoroso da imprensa popular ilustrada, que crescia e se expandia, dava espaço para as entrevistas, as citações nas colunas sociais de fofocas, os desenhos as paródias, os registros de seus discursos, especialmente nas noites de estreia, e durante suas palestras.

Em comparação às suas peças anteriores, *A Importância de ser Prudente* não possui a seriedade de um enredo sobre a sociedade e nem a eloquência das falas das personagens em momentos de crise. Não existe “uma mulher com um passado”, exceto por Miss Prim, que ao final da peça revela um erro absurdo e apresenta uma solução afortunada para os problemas de Jack. Os personagens masculinos não são maus, como nas peças anteriores, apenas ociosos e com o hábito de proferir “regras de conduta” e valores para a sociedade. Entretanto, as personagens femininas também o fazem, quebrando a sequência de personagens jovens idealistas e puras dos trabalhos anteriores. Essas são obrigadas a encarar o desapontamento criado pela sociedade e pelos seus parceiros de enredo.

Da mesma forma que os personagens masculinos da peça insinuam mais que revelam, deixando para a plateia ou aos leitores o preenchimento dessa lacuna, as figuras femininas apresentam características adicionais que destroem associações interpretativas convencionais (GILLESPIE, 2011). As mulheres, na realidade, criam ainda mais ambiguidade e, em termos das normas sociais, mais repulsa que os papéis masculinos.

A peça continua a ter seu apelo original porque Wilde, ao mesmo tempo em que se envolvia com as maneiras e as regras da sociedade, zombava delas. Sua atitude de dândi, ator e estrangeiro (como irlandês) deu-lhe um uso bem particular para a máquina e as convenções do mundo social e do teatro de Sociedade. Possibilitou a expressão, na ficção, de seus valores, residindo em histórias de damas caídas e decadentes, apontando as discriminações sexuais e sociais, mostrando as consequências amargas e inevitáveis de se ter ideais, e denunciando a total e cruel exclusão daqueles que erraram.

Considerações Finais

Alguns tópicos mencionados brevemente nas peças eram preocupações reais na época: a questão de um governo local na Irlanda, casamento, educação, teologia, a queda da rúpia e a queda na agricultura. O medo da insurreição é aventado no destino de Bunbury¹, “explodido”, por seu interesse na legislação social. Essas menções seriam equivalentes à referência a “bombas” e “terrorismo” nos dias de hoje, segundo Ruby (2010).

Com essas grandes farsas, Wilde distancia-se da seriedade da alta cultura, do filistinismo, e da seriedade do teatro. Um dos paradoxos da cultura, segundo Ruby, é a absorção de rebeldes pelo cânone. Dessa maneira, a obra irônica se torna um “clássico”. Wilde teria se deliciado com ideia de que a ironia de sua comédia mais trivial fosse um texto estudado nas escolas inglesas.

¹ Pessoa fictícia criada pelo personagem Algernon para justificar suas escapadelas do meio social. Sua “doença indefinida” obrigava Algernon a visitá-lo constantemente. Assim, fugia de eventos e situações indesejáveis.

O culto ao dândi, nas peças de Wilde, está centrado na filosofia da aparência, do ócio e dos valores estéticos, que rejeitaram a apreciação contemporânea de acordo com a utilidade, a classe ou o comércio. O dândi tem a aparência perfeita de um cavalheiro, mas é distanciado da ética, do dever, da utilidade, da família e do poder, que tradicionalmente o acompanhariam e o definiriam. Essa ênfase desestabiliza as categorias de gênero, pelo fato de desconectar o gênero das aparências, dos modos e do mimetismo. (ELTIS, 2011)

Concluimos que, à primeira vista, as peças de Wilde parecem seguir a estrutura convencional dos melodramas no que tange à revelação das verdades. As peças de sociedade de Wilde revelam pecados do passado, mas possuem um fechamento Cristão da redenção e do perdão. Entretanto, sob essa aparência, na realidade, subjaz outra performance e identidade das personagens. As revelações sobre o passado não endireitam essas personagens, pois o passado traz uma relação incerta com o presente e o futuro.

Referências:

BROWN, J. P. **A Reader's Guide to the Nineteenth-Century Novel**. New York: Macmillan, 1985.

ELTIS, Sos. Performance and Identity in the Plays of Oscar Wilde. In: KILLEEN, Jarlath. **Oscar Wilde: Visions and Revisions, Irish Writers in their Time**. Dublin: Irish Academic Press, 2011.

GAGNIER, Regenia. Wilde and the Victorians. In: Raby, Peter. **The Cambridge Companion to Oscar Wilde**. 10 ed. Cambridge: CUP, 2010.

NIEDERHOFF, Burkhard. Parody, paradox and Play in *The Importance of Being Earnest*. In: **Bloom's Modern Critical Views: Oscar Wilde – New Edition**. New York: Infobase Publishing, 2011.

RABY, Peter. As Comédias de Sociedade de Wilde. In RABY, Peter. **The Cambridge Companion to Oscar Wilde**. Cambridge: CUP, 2010.

SCHIFFER, Daniel Salvatore. **Oscar Wilde**. Trad. Joana Canêdo. Porto Alegre: LPM, 2010. (original em francês)

WILDE, Oscar. O Leque de Lady Windermere. In: **Oscar Wilde: Teatro Completo**. [versão para o Português: Doris Goesttems]. Vol. 1. Edição Bilingue: Inglês / Português. São Paulo: Editora Landmark, 2011.

WILDE, Oscar. **A Importância de ser prudente e outras peças**. Tradução de Sônia Moreira. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

WILDE, O. Uma mulher sem importância. In: **Obra completa**. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.